

Lula e o Mercosul

Lula foi reeleito. Tem agora quatro anos de mandato, legitimidade democrática e experiência. Tem, sobretudo, a oportunidade de marcar, com a sua liderança, a construção do Mercosul.

Pode ter, porém, três tentações. A primeira é imaginar que o Mercosul é o Brasil. Isto é, que o que convém ao seu país convém ao Mercosul, e que o Brasil interpreta e reflecte o interesse comum dos seus parceiros. A segunda tentação é imaginar um Mercosul utilitário, um processo em que as aparências mediáticas sejam mais importantes do que as realidades. E a terceira é a reprodução, no plano sul-americano, do que é a estratégia comercial americana no hemisfério: uma rede de acordos bilaterais preferenciais, com epicentro, num caso, no Brasil, no outro, nos Estados Unidos.

Mas também três, pelo menos, são as possibilidades de marcar, com a sua presidência, a construção de um espaço sul-americano de integração. A primeira é avançar, em vésperas da Cimeira de Dezembro e aproveitando a sua presidência *pro tempore*, com iniciativas fortes e concretas em relação ao Mercosul: do reforço da transparência em relação às iniciativas que estão em discussão entre os parceiros, a uma institucionalização baseada no modelo da Direcção-Geral da Organização Geral do Comércio, à aceitação, por parte dos parceiros maiores, de disciplinas colectivas reais, tanto em matéria de acesso aos seus mercados com relativamente às suas políticas públicas que têm implicações na competição intra-regional.

A segunda possibilidade é avançar com iniciativas que permitam construir uma relação funcional entre o Mercosul e a ideia, um pouco mais difusa, de uma Comunidade Sul-Americana de Nações, sem que uma liquide a outra. E a terceira é gerar um profundo debate sobre a integração energética na América do Sul, com regras de jogo que garantam condições de investimento e de abastecimento entre os parceiros. O Tratado da Carta de Energia pode ser um precedente.

Mas o fundamental será conseguir articular uma liderança colectiva que permita transformar o facto iniludível de um espaço geográfico sul-americano num espaço de integração. Significa reconhecer que nenhum país é suficientemente poderoso para exercer uma liderança individual e que uma competição pela liderança regional pode ser a antecâmara para converter o tal facto geográfico numa realidade de fragmentação e conflitos.

Félix Peña . Universidade Nacional Tres de Febrero, Buenos Aires